



Cópia do documento sobre a cultura indígena que aparece no livro de 1986 que se encontra no arquivo 8 da coleção de vida pela Coordenação Geral de Etnologia Social do Estado. Publicado no Conselho do Estado.

**U.N.I. UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS
CONSELHO TRIBAL DAS COMUNIDADES INDÍGENAS DO CENTRO OESTE M.S.**

CULTURA INDÍGENA

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. 62000025

Nós, somos os povos autóctones, somos descendentes dos primeiros habitantes deste Continente que hoje se chama 'BRASIL: temos uma história comum, uma personalidade étnica 'própria, uma concepção cósmica da vida, diferente do ocidente, bem como herdeiros de uma cultura milenar transmitida de geração a geração pelos nossos ancestrais, onde encontra numerosos elementos fundamentais da cosmogonia índia; a visão 'totalizadora do universo e o sentido do equilíbrio de seus 'diferentes elementos.

O pensamento cósmico da vida e do mundo que nós rodeia, e a base fundamental para compreender a Ideologia 'Indígena o qual significa: ordem em constante movimento e harmonica sucessão de opostos que se complementam.

Antes de falar da cultura de nossos povos índios do continente, é necessário falar de nossa civilização como resultado da organização cotidiana e comunitária da vida. A partir deste podemos considerar que a nossa cultura é o conjunto de valores morais, científicos e intelectuais que se vivem partindo da relação do homem com seu meio ambiente numa prática total e comunitária.

Entre os valores culturais mais importantes de nossa indianidade, podemos afirmar a organização da comunidade índia, organização sociais baseadas na coesão cósmica comunitária.

Possuimos, também valor cultural de nossos idiomas, cujos fonemas onomatopéico manifesta-se com os sons 'mesmos da natureza, pois, nossas línguas não só serve para comunicar com os seres humanos, como também com a natureza'

Dyng



U.N.I. UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS
CONSELHO TRIBAL DAS COMUNIDADES INDÍGENAS DO CENTRO OESTE M.S.

CULTURA INDÍGENA (2)

através de nossos cantos, músicas, poesias, rituais, hábitos, costumes e tradições, que recebemos de nossos ancestrais que nós chamamos cultura. Para nós indígenas cultura significa herança social total da humanidade (Patrimônio), e consideramos a base de uma sociedade, com o objetivo de defender os interesses de seus membros e a proteção do mundo natural.

Indubitavelmente, a cultura para nós indígena é responsável pelo maior parte do conteúdo da personalidade humana.

Através da cultura os seres humanos, aprende a valorizar a vida, a respeitar as leis da natureza, e viver em harmonia com ela (natureza), com isso permite a contribuição valiosa a comunidade, buscando sempre o equilíbrio, que tornará possível a compreensão de todos, através do veículo da cultura que é o idioma.

CAMPO GRANDE-MS, 16 de dezembro de 1984.

Domingos Veríssimo Marcos

DOMINGOS VERÍSSIMO MARCOS - Índio
da tribo Terena.



TERÇA-FEIRA - 11 DE DEZEMBRO DE 1984



O debate contou com a participação de vários segmentos da sociedade

Cultura do Estado deve ser matérias nas escolas de MS

"Não tenho nada a mostrar para os filhos do que foi Mato Grosso e do que é Mato Grosso do Sul em termos históricos e culturais. Não existe a consciência de local por falta de coleta de dados que aprofundem nossas raízes e nossa herança cultural". Depoimentos como este foram a tônica do debate que se travou no último dia 8, quando a Coordenadoria Geral de Comunicação Social do Estado promoveu mais uma etapa de seu Ciclo de Debates sobre a trajetória de Mato Grosso do Sul à partir de sua criação, colocando a questão cultural e a sua evolução para ser repensada pela classe artística e intelectual do Estado.

Além de poetas, músicos artistas plásticos e escritores responsáveis pela produção artística regional, estiveram presentes representantes da Fundação de Cultura que é órgão estatal responsável pelo apoio às manifestações culturais do Estado - e a atriz Aracy Balabanian, que defendeu a idéia de que a falta de identidade cultural é um problema brasileiro, levado a cabo por uma política cultural que "arrasou com a cabeça das pessoas nestes últimos 20 anos". Para ela, a única perspectiva de se fortalecer a memória cultural do País é através da divulgação das manifestações artísticas, embora reconheça que as dificuldades sejam grandes já que não existe interesse por parte da clas-

se política em investir dinheiro em cultura.

EDUCAÇÃO X CULTURA

Um dado novo e muito representativo que surgiu durante o debate veio com a declaração de alguns educadores que se disseram preocupados com a composição do curriculum escolar que não inclui sequer uma disciplina sobre a história ocorrida nos tempos do Mato Grosso indiviso. Em cima disso, a professora Sara Figueiró sugeriu que proponha aos órgãos responsáveis pela condução da política educacional do Estado, a inclusão de três disciplinas imprescindíveis a seu ver - a do Folclore, História Regional e Preservação Ambiental.

Dentro desta mesma preocupação, foi defendida a idéia de uma escola mais voltada para a comunidade, buscando a interação entre a educação básica e os diferentes contextos culturais existentes no país. Com o pensamento de que a cultura não pode estar dissociada da educação, está sendo viabilizado, em caráter experimental, o Projeto Periferia Viva, já implantado em duas escolas estaduais dos bairros Nova Lima e São Francisco, com o apoio da Fundação de Cultura e Secretaria de Educação do Estado, onde busca-se resguardar e ressaltar o valor cultural próprio de cada comunidade, criando espaços para as suas

manifestações e viabilizando suas produções.

Outra sugestão dirigida aos que conduzem a política cultural do Estado, foi feita pelo professor Paulo Corrêa de Oliveira, que desenvolve um trabalho de teatro amador dentro de Aquidauana, e que a cada ano tenta montar um espetáculo reconstituindo fatos históricos "esquecidos" pela memória histórica do Estado. Neste sentido ele sugeriu que se intensifique a pesquisa a fim de que se resgate os registros desconhecidos. Como exemplo desta distorção ele citou o completo desconhecimento, até mesmo de historiadores, da pretérita existência da cidade de Santiago de Xerês, nas redondezas de Nioaque, por ocasião da tentativa de colonização do interior do país.

Um importante depoimento foi do índio Capitão Domingos, representante da tribo Terena, que tomou conhecimento do debate através da imprensa e falou sobre a cultura indígena e da resistência de seu povo em preservar estes aspectos que para eles representam uma herança social, um patrimônio adquirido à custa do trabalho e do sacrifício de seus ancestrais. Ele ressaltou também a oportunidade de um índio estar sendo ouvido num debate de cultura, e creditou isto à "nova filosofia de governo democrático do Dr. Wilson Roberto Martins".

11 de dezembro 1984

8 - CORREIO DO ESTADO

Soja: índios colherão mil toneladas

**Do correspondente
em Dourados**

Os índios da reserva de Dourados colherão nesta safra perto de mil toneladas de soja, dentro de áreas financiadas pelo Banco do Brasil, de 506 hectares, informou ontem o técnico Artêmio Camargo, da Empaer, responsável, junto com Eliseu de Oliveira, pela assistência aos agricultores. A produtividade média esperada, 1.800 quilos ha, é a mesma da região.

Esse é o quinto ano consecutivo que os índios das tribos Guarani e Terena praticam uma agricultura semi-mecanizada de caráter econômico, aplicando técnicas modernas de preparo de solo, plantio, tratos culturais e colheita.

Antes da safra, a Empaer desenvolveu reuniões junto aos indígenas douradenses, abordando temas relativos ao preparo de solo, plantio, manejo de pragas e visitas de assistência a todas as 51 propriedades onde foi plantada a soja esse ano.

De acordo com Artêmio Camargo, para a semeadura foram usados os sistemas manual (como a 'matraca'), a de tração animal e motorizado. A maioria dos produtores usa tratores da Funai ou alugados de terceiros para fazer o plantio, mas aqueles cujos lotes é de pequena dimensão, entre um a dois hectares, acabam sendo usados os sistemas mais rudimentares, como o manual e máquinas puxadas por cavalos. Para a execução dos tratos culturais, os índios têm usado a capina manual ou cultivador de tração animal.

O trabalho de controle de pragas - principalmente a lagarta - está sendo realizado através de duas unidades de observação, sendo os indígenas orientados de como fazer o manejo, procurando se evitar a aplicação excessiva de defensivos.

EDITORIAL

Os indígenas, seus problemas e a Funai

Com a medição procedida pela 5.ª Delegacia da Funai, no Estado de Mato Grosso, apurou-se a existência de 650 índios, em uma área de 500 mil hectares, na Reserva dos Parecis, Município de Diamantino; na Reserva de Umutina, Barra dos Bugres, 180 índios vivem em uma área de 28.000 hectares; na Reserva de Santana, Município de Nobres, estão 145 índios em 35.000 hectares e a Reserva Perigara, de Barão de Melgaço, 90 índios dispõem de 10.000 hectares.

Somente aí temos uma área de reserva indígena de 573.000 hectares para 1.067 índios. Se adicionarmos a esses totais, 538.535 hectares reconhecidos e medidos para os caduveos, em nosso Estado, encontraremos uma área global de 1.112.000 hectares (ou mais de... 11.000 quilômetros quadrados), para cerca de 2.000 indígenas.

Temos assim, somente em cinco reservas indígenas, das tribos parecis, bororós, baikiris, xavante e caduveo, nos dois Mato Grosso, uma área de terras férteis superior ao Líbano (10.400 km²), país onde vivem, com guerra e tudo, 4 milhões de pessoas e 11 vezes maior do que a colônia de Hong Kong, com 5 milhões de habitantes. Poderíamos acrescentar que esse território é a terça parte da Holanda (15 milhões de criaturas) e mais de um terço da Bélgica, mas preferimos ficar por aqui mesmo, nesse terreno das comparações.

Pouca gente sabe qual é a extensão total das reservas indígenas. Como há

reservas em grande número de outros Estados (Amazonas, Acre, Rondônia, Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás e os dois Mato Grosso) e nos territórios de Roraima e Amapá, não é difícil imaginar que essa área poderá ser superior a 100.000 quilômetros quadrados, talvez até maior do que a da República Federal da Alemanha (108.300 km²), onde vivem mais de 60 milhões de pessoas.

Com tudo isso, que vemos na população indígena sobrevivente em nosso país? Primitivismo, pauperismo, dissensões que chegam a disputas acirradas de grupos. O líder Marcos Terena, piloto da Funai, já disse que o processo de aculturação, sem reduzir as divergências tribais, alimentam interferências políticas e religiosas, "das quais estão decorrendo muitos problemas entre índios".

Líderes políticos de várias correntes, cada uma com seus representantes nas aldeias, padres católicos e pastores de dezenas de igrejas protestantes porfiam na coleta daquelas ovelhas para seu rebanho, cada um proclamando sua verdade no seio dos aturridos selvícolas, que começam a entrar na civilização "dos brancos" dentro das mesmas disputas que no passado de nossa civilização geraram ódios, perseguições e até guerras e genocídios.

Decididamente muita coisa está errada nessa história de "aculturação", sob cujo rótulo mantemos a tutela dos índios. Não se sabe porque, mas o pro-

cesso está demorado demais, havendo interferências de toda ordem, como se o objetivo fosse manter indefinidamente essa situação.

Dos índios de nosso Estado, somente agora, nas aldeias mais próximas de Aquidauana, nota-se um progresso mais sensível na agricultura e pequena criação, com as aldeias produzindo e vendendo seus produtos em benefício deles próprios.

O resto são disputas internas, onde ocorrem até assassinatos ainda sem esclarecimento (como o de Marçal de Souza). É justa a preservação da cultura indígena, mesmo diluída dentro de nossa civilização. Isso, porém, não deve ser feito com a perpétua tutela do índio, um povo que ninguém pensa em libertar.

Hoje, quando são ricos em terra e recursos potenciais, necessitam apenas de que sejam postos em condições de gerir seu próprio patrimônio. Para isso é preciso que lhe propiciemos, dentro do mais curto prazo possível, meios e conhecimentos necessários a que possam sobreviver por si mesmos, dirigindo sua ação e seu trabalho em benefício deles próprios.

Fazer de cada índio um cidadão consciente e liberto, capaz de conduzir sua vida e gerir seus bens, deve ser o objetivo da Funai e dos departamentos que tratam do assunto. Nem eles, nem os demais brasileiros desejam ver uma parte de sua população sempre considerada e tratada como crianças ou incapazes.